

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS TORQUATO NETO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO: BACHARELADO EM JORNALISMO

Narrativas e lacunas discursivas: uma análise da cobertura jornalística do Jornal O Dia, O Estado e Jornal da Manhã acerca dos primeiros casos de Aids em Teresina -PI, no ano de

1987

Pedro Arimateya Franco Carvalho

Teresina – PI
2025

Pedro Arimateya Franco Carvalho

Narrativas e lacunas discursivas: uma análise da cobertura jornalística do Jornal O Dia, O Estado e Jornal da Manhã acerca dos primeiros casos de Aids em Teresina -PI, no ano de

1987

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Jornalismo, da Universidade Estadual do Piauí, como parte dos pré-requisitos para a aprovação na disciplina TCC 2 e a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Rosane Martins de Jesus

Teresina PI
2025

C331n Carvalho, Pedro Arimateya Franco.

Narrativas e lacunas discursivas: uma análise da cobertura jornalística do Jornal O Dia, O Estado e Jornal da Manhã acerca dos primeiros casos de Aids em Teresina-PI, no ano de 1987 / Pedro Arimateya Franco Carvalho. - 2025.

59 f.: il.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí-UESPI, Bacharelado em Jornalismo, Campus Poeta Torquato Neto, Teresina-PI, 2025.

"Orientadora: Profa. Dra. Rosane Martins de Jesus".

1. Jornalismo. 2. Comunicação. 3. Jornais. I. Jesus, Rosane Martins de . II. Título.

CDD 070.4

Ficha elaborada pelo Serviço de Catalogação da Biblioteca da UESPI
Nayla Kedma de Carvalho Santos (Bibliotecário) CRB-3^a/1188

Narrativas e lacunas discursivas: uma análise da cobertura jornalística do Jornal O Dia, O Estado e Jornal da Manhã acerca dos primeiros casos de Aids em Teresina -PI, no ano de

1987

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Jornalismo, da Universidade Estadual do Piauí, como parte dos pré-requisitos para a aprovação na disciplina TCC 2, e para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Aprovado em ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rosane Martins de Jesus
Orientadora- Universidade Estadual do Piauí

Profa. Dr. Daniel Vasconcelos Solón
Examinador- Universidade Estadual do Piauí

Profa. Me. José Barroso de Oliveira Filho
Examinador- Universidade Estadual do Piauí

Dedicatória

Em memória de todas as almas que perdemos para a Aids. Aos meus tios, Doura e Asilva, por me ensinarem o valor dos estudos. Para meus falecidos pais, Francisca e Silvestre, pelo dom da vida e a minha avó, Maria da Paz, que ao me apelidar de passarinho me deu asas para voar.

Agradecimentos

Uma das minhas maiores felicidades é ter a vida, que apesar de muito difícil, me mostra que o amanhã sempre chega, e ele é lindo.

Nada disso seria possível sem meu Pai Celestial e minha Mãe Imaculada. Para além deles, agradeço a todos os seres espirituais, orixás, espíritos, meu anjo da guarda e as forças que me protegem e guardam de todo o mal do mundo. Viver tem sido uma batalha, mas sempre sinto que algo me protege do que eu não posso ver, nem sentir.

Alguns desses seres são meus pais, Francisca (carinhosamente, Chiquinha) e Silvestre. Quis Deus que eles fossem ao encontro do Pai mais cedo. E, mesmo que às vezes o remorso pela prematura partida me consuma, sinto que o destino se encarregou de juntar as almas mais lindas para me trazer ao mundo. Queria que eles me vissem crescer, me tornar homem, espero com o coração apertado pelo dia do nosso reencontro na luz eterna. Minha avó, Maria da Paz, também partiu cedo. Devota das almas, sua fé era capaz de mover montanhas, e do plano espiritual sei que ela reza pelo seu passarinho – que agora tem asas para voar pelo mundo.

Minha família foi parte essencial deste trabalho, desde muito cedo meus tios, Doura e Asilva, me mostraram a importância dos estudos, e com muita gratidão que devolvo a eles a graça de ser o primeiro filho a se formar em uma universidade. Minha querida tia Dourinha sempre foi minha fortaleza, e eu não me imagino no mundo sem sua existência, ela mudou pra sempre minha vida ao escolher me criar logo após o falecimento da minha mãe. Essa foi sem dúvidas a coisa mais linda que alguém já fez por mim. Meus irmãos, Leonardo, Paizinha e Wanderson foram meus guias, ser o caçula em um berço como o meu não foi difícil, suas experiências de vida me mostraram sempre o caminho certo a seguir, meu carinho a vocês. Meus sobrinhos Maisa, Gael e Théo, espero que esse trabalho também sirva de exemplo e caminho para vocês no mundo da educação. Obrigado a minha cunhada Ana Beatriz, por compartilhar a loucura de ser universitário comigo e ao meu cunhado Magalhães, minha primeira grande inspiração no mundo acadêmico e uma das pessoas que mais me incentivou a entrar no ensino superior. Agradeço o apoio de sempre dos meus tios, Baía e Marcos, e dos meus primos, Daica e Karol, além de todos da minha família que torcem e acreditam em mim.

Minha orientadora, Rosane Martins, foi o pilar deste trabalho. A primeira vez que nos vimos foi em 2022, e desde então eu sabia encerráramos esse ciclo juntos. Foram três anos construindo cada tijolinho dessa relação, guiado pela alcunha do “jornalismo de

excelência”, tentei fazer o meu melhor para ser um pouco como ela, e de coração espero ter conseguido pelo menos por um instante.

Ter amigos fez esse caminho de luta ser mais divertido. Sarah, Waleska, Liliany e Valci seguiram sendo minha casa, e que lindo é ter vocês na minha vida a tanto tempo. Lety e eu transacionamos para uma relação de irmãos, carinho e colo nunca me faltaram, que sorte a minha é ter alguém que mesmo com a distância do dia a dia, mostra que amizade é sempre querer o outro bem. Virtualmente, a vida me presenteou com grandes amigos no Losers, uma comunidade que me acolheu em 2021, muito obrigado pelo carinho de sempre Blair, Anap, Napaula, Lucas, Lu, Gui, Alan, Dandara, Marina e Any. O jornalismo também me deu irmãos, Joseph, Camilly, Saymon, Jessica, Geovana, Manu, Laura, Natália e Jaissa, compartilhar minhas manhãs com pessoas tão diversas me mostrou a beleza de não precisar ser perfeito. Pedro Victor Lima é outro amigo-irmão, é um dos jornalistas mais talentosos que eu conheço, sua aura clara só clarividente pode ver. Minha gratidão aos queridos Vitória Pilar e Ricardo, meu carinho por me inspirarem desde o começo dessa jornada no jornalismo, vocês seguem sendo minha fonte de inspiração e admiração.

Um agradecimento especial ao meu chefe, André Moura, que me abriu as portas para o jornalismo em 2023 e muitas vezes me permitiu usar o horário do expediente para focar na faculdade. Entrar na TV Meio foi um sonho, e dividir o dia a dia do jornalismo com tantos profissionais excepcionais foi essencial para mim. Juliana, Carol Cruz e demais amigos, seu apoio e experiências mudaram meu eu jornalista e me mostraram a importância de seguir esse ofício com carinho.

Quase na reta final dessa jornada a vida me presenteou com a Ana Ilza, nunca vou conseguir expressar toda minha gratidão por ela. É quase impossível. Ter essa amiga na minha vida comigo mostra como sou um cara sortudo. Vou sentir falta de levar tapas para acordar e ir para universidade, ou então um apavoro pra entregar tudo no prazo. Obrigado por não me deixar desistir mesmo quando nem você tinha forças para continuar. Nossos dias ao som de Gal, Jorge Ben, Fleetwood Mac, e Taylor Swift são as partes mais lindas da minha singela jornada nesta terra.

Obrigado a todo corpo docente da Universidade Estadual do Piauí, Samaria Andrade, Sonia Carvalho, José Américo, Sammara Jericó, Daniel Solon, José Barroso, Daiane Rufino e ao meu malvado favorito, Orlando Berti. Vocês mostraram que o jornalismo de verdade só pode ser construído com amor. Muito obrigado a toda equipe da coordenação do curso, aqui representados pela minha querida Lídia, que viu esse trabalho nascer e ser concluído. Às

vezes, tudo que eu mais precisava ao longo da escrita desse trabalho era ter alguém para estar ao meu lado, e ela foi esse alguém.

Antes de finalizar, meu carinho eterno a cidade do Rio de Janeiro, berço da minha inspiração e junto a ela meu amado Marcelo, um amigo que mesmo tão longe mudou minha vida pra sempre. Sua docura, sorriso e dedicação são meu combustível para uma vida mais leve e cheia de amor.

Minha música favorita se chama Futuros Amantes, composição de Chico Buarque, eternizada na voz de Gal Costa. Foi com ela que esse trabalho começou, e será com ela que ele vai terminar. A canção fala de amores passados, esquecidos, guardados, assim como tantas histórias de amor vividas por vítimas Aids. Meu carinho e gratidão eterna a vocês meus irmãos, que possam descansar na luz divina.

A vida grita. E a luta continua. (Caio Fernando Abreu)

Resumo

Nesta pesquisa, buscamos analisar como os primeiros casos de HIV/Aids foram abordados nos jornais impressos (O Dia, O Estado e Jornal da Manhã) no ano de 1987. Esses três periódicos, foram os lugares de coleta do corpus desta pesquisa. Nossa intenção foi observar esses jornais enquanto lugares de visibilidade, ao passo que identificamos as marcações discursivas ao longo da cobertura, que contribuíram para o reforço de estigmas, através da mídia em Teresina. Enquanto fundamentação teórica, apoiamo-nos nos critérios de noticiabilidade e em estudos que vêm os jornais enquanto fonte histórica. Quanto aos apoios metodológicos, buscamos inspiração na análise de conteúdo, bem como na análise de discurso. Ao final do estudo, concluímos que as coberturas se apoiaram, na sua grande maioria, em fontes oficiais para a construção de suas narrativas, ao passo que fez referências diretas ao público gay, contribuindo para a construção de estigmas estereotipados.

Palavras-chave: Aids, HIV, Teresina, Cobertura jornalística

Abstract

In this research, we aimed to analyze how the first cases of HIV/AIDS were addressed in the print newspapers *O Dia*, *O Estado*, and *Jornal da Manhã* in the year 1987. These three periodicals constituted the sources for the corpus of this study. Our objective was to examine these newspapers as sites of visibility, identifying the discursive markers throughout their coverage that contributed to the reinforcement of stigma through the media in Teresina. As our theoretical framework, we drew on newsworthiness criteria and studies that consider newspapers as historical sources. Methodologically, we were inspired by content analysis as well as discourse analysis. By the end of the study, we concluded that the coverage relied predominantly on official sources to construct its narratives, while frequently making direct references to the gay community, thereby contributing to the formation of stereotyped stigmas.

Keywords: AIDS, HIV, Teresina, journalistic coverage

SUMÁRIO

Introdução	13
1 Bases da Fundamentação Teórica	17
1.1 Aids no Brasil e seus registros na mídia	17
1.2 Os jornais impressos enquanto fonte histórica	19
1.3 O jornalismo e os critérios de noticiabilidade	21
2 Caminhos da pesquisa: escolhas metodológicas	23
2.1 - Sobre o objeto de estudo.....	23
2.2 Sobre a coleta do corpus de pesquisa	24
2.3 Sobre a metodologia	24
3 A cobertura dos primeiros casos de Aids nas páginas de jornais piauienses.....	26
3.1 Jornal O Dia	26
3.1.1 Em nome de Deus.....	29
3.1.2 Seguindo a análise das edições.....	30
3.1.3 Sangue do meu sangue.....	33
3.1.4 Educação sexual.....	35
3.2 Jornal O Estado.....	39
3.3 Jornal da Manhã.....	41
3.3.1 Igreja Opina.....	42
3.3.2 Sou mulher.....	42
3.3.3 Seguindo as análises.....	43
4 Ampliando a análise comparando as coberturas.....	46
4.1 - Fontes.....	46
4.2 Temas relacionados.....	47
4.3 Ilustrações.....	47
4.4 Enquadramentos.....	48
4.5 Referências aos gays.....	48
Considerações finais	49
Referências	50
Apêndices- Tabelas com os dados sistematizados	52
Apêndice 1 - Tabela com dados referentes ao Jornal O Dia	53
Apêndice 2 - Tabela com dados referentes ao Jornal O Estado	54
Apêndice 3 - Tabela com dados referentes ao Jornal da Manhã	55

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Primeira menção da Aids em Teresina.....	26
Figura 2 - Primeira matéria da Ads em Teresina.....	27
Figura 3 - Primeira menção sobre Aids e Religião.....	30
Figura 4 - Aids aumenta venda de preservativos em Teresina.....	31
Figura 5 - Aids mata no Piauí	31
Figura 6 - Todo sangue vai ser testado.....	33
Figura 7 - Suspensão de exames anti-Aids.....	34
Figura 8 - Aulas sobre Aids em escolas públicas.....	36
Figura 9 - Some piauiense com Aids.....	37
Figura 10 - Morrem duas pessoas com Aids.....	38
Figura 11 - O terror da Aids chega a Teresina.....	39
Figura 12 - Carnaval começa sob o signo temível da Aids.....	41
Figura 13 - Preservativo não impede transmissão da Aids.....	44

INTRODUÇÃO

Desde muito cedo o discurso sobre ser gay no “meu berço”, ou seja, dentro da minha casa e nas minhas relações familiares, sempre foi muito dualista. O respeito e a intolerância andavam lado a lado, seguindo aquele discurso de que seja o que você quiser, mas não dentro de casa. Quando fui percebendo que esse era o meu caminho houve muito medo: medo dos julgamentos, medo das pessoas e medo do que aquele novo horizonte poderia me apresentar. Nessa mistura de sentimentos, conheci a batalha que a comunidade gay travou quando surgiram os primeiros casos de HIV/Aids no Brasil, e como isso contribuiu para a criação de legislações voltadas para assegurar os direitos dos LGBTQIAPN+¹ na nossa sociedade.

Enquanto navegava pela internet, encontrei um perfil no Instagram conhecido como “The Aids Memorial”, a conta tinha apenas um único objetivo: contar histórias das vidas que foram levadas por conta da doença. Eram milhares de fotografias de homens, mulheres, travestis, negros, brancos, asiáticos. A grande maioria dos relatos datam da década de 1990 e incluíam outros países, além do Brasil. Fui lendo cada relato que os caracteres da plataforma permitiam, era como se cada um deles fossem pessoas próximas a mim, como se fossem um primo ou um irmão, por exemplo. Nunca soube muito bem escrever sobre esse tipo de sentimento, mas quando se é gay, a empatia com nossos iguais é maior, como se fosse um dever como cidadão.

A partir desse primeiro contato com essas informações, senti a necessidade de conhecer, explorar, e de entender mais sobre esse período tão importante. A ideia desta pesquisa nasceu há quase cinco anos, ainda no ano de 2020, quando durante a pandemia de Covid-19, encontrei o documentário *Carta para Além dos Muros*². A obra leva o nome de uma das crônicas escritas pelo jornalista e dramaturgo Caio Fernando de Abreu em sua coluna quinzenal no jornal “O Estado de São Paulo”, e traça uma linha cronológica acerca da pandemia de HIV/Aids no Brasil, trazendo um grande apanhado de personagens como soropositivos, médicos, entre outros.

Inspirados pelo documentário, nesta pesquisa, propomos analisar a cobertura midiática dos casos de HIV/Aids, em Teresina, capital do Estado do Piauí, no ano de 1987,

¹ Sigla para lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, queers, intersexuais, assexuais, pansexuais, gênero-neutro e demais orientações sexuais.

² **CARTA PARA ALÉM DOS MUROS**. Direção: André Canto. Produção: André Cato. Netflix. 2019. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81213977>. Acesso em: 25 nov. 2024.

quando o primeiro caso da doença foi notificado na capital piauiense. Para tanto, escolhemos como lugar de coleta do corpus de pesquisa, a cobertura jornalística realizada no âmbito dos principais veículos de mídia impressa da capital na época: Jornal O Dia, Jornal O Estado e Jornal da Manhã, tendo como período de análise as edições publicadas entre os dias 1 de janeiro de 1987 e 31 de dezembro de 1987. A problemática principal desta pesquisa consiste em analisar como esta temática foi abordada nesses três periódicos, elencamos como lugar de coleta do corpus desta pesquisa, observando os lugares de visibilidade e as marcações discursivas ao longo da cobertura, que possam ter contribuído para o reforço de estigmas, através da mídia em Teresina. Fausto Neto (1999) explica que a Aids é uma doença da atualidade em duplo sentido, ou seja, durante o seu percurso na história ela desencadeou uma série de fenômenos culturais, epidemiológicos, biológicos, éticos, humanos e midiáticos. Fausto Neto (1999) ressalta ainda que na época do seu surgimento, não existia uma forma padronizada de veiculação da doença na mídia brasileira, cada jornal seguia suas políticas de redação e interesse. Nesse ponto, reforçamos também que buscamos observar se esses jornais piauienses reverberaram de dialetos que visavam contribuíram para estereotipar essa parcela da população, através de termos para classificação de portadores do vírus e da doença e se a mídia repercutiu e como repercutiu as medidas de prevenção e cuidados para a comunidade.

O objetivo central desta pesquisa é investigar como essa cobertura, sobre os primeiros casos de Aids, foi realizada na imprensa piauiense, no âmbito dos jornais: O Dia, O Estado e Jornal da Manhã e se ela foi marcada por apagamento de histórias e de memórias da comunidade LGBTQIAPN+³, ao longo do período estudado. Além disso, essa pesquisa visa contribuir para formação de um pensamento mais livre acerca da Aids, desmistificando mitos que perpetuam na sociedade sobre a doença até os dias atuais. Promovendo assim uma maior historicização do percurso midiático da doença na capital do Piauí.

Do ponto de vista pessoal, a construção da pesquisa parte dos descobrimentos do pesquisador como gay e da necessidade de estudar os percalços históricos da comunidade LGBTQIANPN+. O projeto é relevante para sociedade, ressaltando que atualmente tanto a doença, quanto o vírus, são negligenciados, seja pelo não uso de preservativos na hora das relações sexuais, ou então pela falta de informação sobre os meios de transmissão. De acordo

³ Importante esclarecer que embora utilizemos essa sigla neste trecho, no período de análise ela ainda não existia dessa forma. Na década de 1980, falava-se apenas em gays e lésbicas. Aqui, optamos por inserir a sigla como a conhecemos hoje, por entendermos que todas as pessoas representadas nesta sigla já existiam, embora não estivessem identificadas em uma sigla.

com a UNAIDS⁴ (2024) o novo parâmetro do números de casos concentra a maioria em pessoas heterossexuais, ou seja, que se relacionam com indivíduos do sexo oposto, principamente entre jovens que estão iniciando a vida sexual. No papel científico, a pesquisa busca principalmente suprir a carência de materiais sobre mídia e Aids. Destacando aqui a vasta produção de material que discorra sobre questões como infecção pelo HIV, o desenvolvimento da Aids, impacto das políticas de prevenção, mas não sobre o percurso da doença na mídia.

O tipo de pesquisa usado será o exploratório, nela o pesquisador busca “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos” (Gil, 1999, p. 46), com o objetivo de formar e entender novas concepções sobre o HIV/Aids.

A pesquisa exploratória é usada em casos nos quais é necessário definir o problema com mais precisão, identificar cursos relevantes de ação ou obter dados adicionais antes de poder desenvolver a abordagem. As informações necessárias são definidas apenas de forma muito ampla (Malhotra, 2001, p. 59).

Nesta categoria também será feita uma pesquisa bibliográfica ou documental, que segundo os conceitos de Fonseca (2002) é realizada com base no estudo de fontes físicas, como livros, sites e documentos.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto (Fonseca, 2002, p. 32).

Por fim, esclarecemos que este trabalho de conclusão de curso foi organizado da seguinte maneira: no capítulo 1, intitulado “Bases da fundamentação teórica”, trazemos informações iniciais sobre o nosso objeto, desde o percurso da homosexualidade até a chegada da Aids no Brasil; no segundo capítulo intitulado “Caminhos da pesquisa: escolhas metodológicas”, apresentamos a base metodológica sobre a qual apoiamos nossa análise da cobertura midiática dos primeiros casos de Aids notificados em Teresina-PI, nas páginas dos jornais analisados; no terceiro capítulo intitulado “A cobertura dos primeiros casos de Aids nas páginas de jornais piauienses” apresentamos as inferências a partir da análise, para cada

⁴ Programa Conjunto das Nações Unidas (ONU) com foco em liderar e coordenar as ações em resposta à pandemia de HIV/Aids.

jornal estudado e no quarto capítulo intitulado “Ampliando as análises comparando as coberturas”, trazemos sistematizações acerca das fontes, temas, ilustrações, enquadramentos e referências aos gays. Na sequência, apresentamos as considerações finais, referências e as tabelas que constituem nossos apêndices.

1 BASES DA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Aids no Brasil e seu registro na mídia

De acordo com Mott (2023) os primeiros registros de homossexualidade no Brasil datam ainda do período do descobrimento em 1532, quando nas cartas régias de doação das capitania hereditárias, Dom João III, então rei de Portugal, determinava a pena de morte para os chamados “sodomitas”, ou seja, pessoas do mesmo sexo que praticam atos sexuais.

Os séculos se passaram e a comunidade foi evoluindo, crescendo, e se expandindo. Entretanto, no começo dos anos 1980 algo apareceu. De acordo com o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (2024) o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) veio de uma espécie de chimpanzé do continente africano, neles o vírus é chamado de Vírus da Imunodeficiência Símia (SIV). A principal teoria que guia a transmissão do vírus para os humanos é pelo contato com o sangue do animal, por meio da caça e consumo da sua carne. O vírus se espalhou pelo mundo ainda da década de 1970, em decorrência dos conflitos que se desenvolveram na África, mas o primeiro caso de Aids reportado no mundo aconteceu em junho de 1981, em um hospital de Los Angeles, nos Estados Unidos.

Segundo a Fundação Oswaldo Cruz (2024) o primeiro caso de Aids (Síndrome da imunodeficiência adquirida) no Brasil, foi notificado no interior do estado de São Paulo em 1980. Porém, a doença causada pela infecção do vírus HIV passou a ter notoriedade apenas 1983, quando a medicina foi capaz de diagnosticar que era um caso de Aids. É importante entender a diferença entre os dois termos já que ambos podem parecer ser a mesma coisa, quando na verdade não são.

O vírus HIV ataca e destrói as células do sistema imunológico. Se ele não for controlado, leva à Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids) que é um quadro em que o CD4 (um tipo de células de defesa do organismo) está em níveis baixos e, por isso, surgem co-infecções, chamadas de doenças oportunistas (Prudence, 2023, p. 1).

Segundo Vieira (2013), se levarmos em conta a mortalidade e morbidade, a epidemia de HIV/Aids pode ser considerada uma das mais devastadoras, tanto no Brasil quanto em todo o mundo, principalmente por conta do seu impacto no modo de vida da sociedade em um período em que a doença perdeu força. Com sua chegada em terras paulistanas, a doença logo se espalhou, com isso também a comunidade LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays,

Bissexuais, Transexuais, Queers, Intersexos, Assexuais, Pansexuais, Não-Binários e mais) do Brasil tomaria seu maior golpe.

Segundo Fausto Neto (1999) assim que começou a ser noticiada no país, alguns termos começaram a ser usados para identificar a epidemia, como na edição de outubro de 1983 do jornal O Globo, onde a Aids é caracterizada como doença dos 5 H, sendo eles: Homossexuais, Hemofílicos (Pessoas com deficiência de hemoglobina no sangue), Haitianos (Pela prevalência de casos de Aids em imigrantes haitianos, nos Estados Unidos), Heroinômanos (usuários de heroína injetável), Hookers (profissionais do sexo em inglês). Talvez seja essa epidemia o maior ataque já sofrido pela comunidade, não só por ela, mas por todas as pessoas que sentiram o amargo sabor de contrair a doença em seus tempos sombrios. Mesmo após 40 anos, onde temas como corpo e sexualidade se tornam assuntos ditos livres, falar sobre a doença continua sendo algo cercado de tabus.

Os meios de comunicação têm um papel fundamental na forma como receptor vê e entende a informação, com isso muitos conceitos e preceitos sobre a doença permearam a nossa sociedade e permanecem até hoje. De acordo com Adorno (1954) quanto mais as pessoas conceberam esses estereótipos mais difícil é para que ocorra uma mudança de ideias, principalmente quando a doença passou a ser atrelada à comunidade LGBTQIAPN+. Segundo Valle (2002) a imprensa começou a sair da visão que a Aids era “doença gay” com o surgimento de casos em outros grupos da sociedade como em mulheres e crianças. O autor destaca a força da mídia na mediação sobre alguns temas, principalmente na “maior epidemia do século”.

Era na chamada comunidade gay que a AIDS avançava de forma mais intensa, especialmente pelo predomínio da promiscuidade, a categoria cultural explicativa mais central na época. Concepções de lugar, de identidade sexual e de diferença de classe constituíram bem cedo a representação da AIDS. Em resumo, a imprensa teve o papel fundamental de criar uma gênese homossexual para a epidemia (Valle, 2002, p. 184).

De acordo com o especialista em sexualidade, João Geraldo Netto (2024) não falar sobre a Aids implica diretamente no aumento de casos da doença entre os mais jovens. Segundo dados Ministério da Saúde, no intervalo entre 2011 e 2021 mais de 52 mil jovens entre 15 e 24 anos evoluíram do HIV para Aids. A grande causa dessa evolução está atrelada ao estigma associado a pessoas com a doença que transpassou o espaço tempo, e mesmo com tecnologia e informação, ainda é possível ouvir que ter Aids é ter atestado de morte, mas não é bem assim. Bem, talvez fosse.

Herbert, meu companheiro de vida, está com Aids. E o fato de nenhum sintoma ou presença do vírus ter aparecido em mim não me deixa menos doente que ele. Adoecemos juntos, sofremos juntos, enfrentamos cada crise provocada pelo vírus e, sem dúvida, enfrentaremos a morte juntos. E mesmo que um de nós permaneça depois do outro, já estará um pouco mais morto, pois estará só (Daniel, 1989, p. 53).

1.2 Os jornais impressos enquanto fonte histórica

Os veículos de mídia impressa são fundamentais para a construção e interpretação da memória coletiva de uma sociedade. Como fonte histórica, os jornais são responsáveis não apenas por informar os fatos de um determinado período, mas também por preservar momentos importantes da nossa história, levando-nos a futuras reflexões sobre ideias, valores e crenças da sociedade.

Todo jornal, a não ser que seja um jornal de humor, ampara-se na possibilidade de inspirar e manter em seus leitores a viva convicção de que ali, naquelas páginas ásperas e por vezes levemente amareladas, fala-se efetivamente da realidade, da vida efetivamente vivida, da história que se refaz a cada novo dia, de algo que realmente ocorreu e do qual se dá um retrato fiel e não comprometido por parcialidades (Barros, 2022, p. 592).

Mas, nem sempre foi assim. Durante muito tempo, os jornais impressos não foram considerados fontes históricas adequadas sobre as quais o relato histórico poderia se apoiar.

Os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas “enciclopédias do cotidiano” continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez de permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas (LUCA, 2006, p.112)

Contudo, esse olhar enviesado para os jornais impressos enquanto fonte histórica começa a ser modificado a partir dos estudos realizados pela terceira geração da Escola dos Annales, impulsionada por historiadores como Jacques Le Goff e Pierre Nora que começaram a propor nos estudos históricos novos objetos, problemas e abordagens (LUCA, 2006). Como enfatiza Luca (2006, p.113):

a face mais evidente do processo de alargamento do campo de preocupação dos historiadores foi a renovação temática, imediatamente perceptível pelo título das pesquisa, que incluíam o inconsciente, o mito, as mentalidades, as práticas culinárias, o corpo, as festas, os filmes, os jovens e as crianças, as

mulheres, aspectos do cotidiano, enfim uma miríade de questões antes ausentes do território da História.

Nesse contexto, a presença de marcações subjetivas nas produções jornalísticas que dificultavam sua entrada no campo das fontes históricas, começaram a ficar mais fluídas, justamente pela presença dessas marcações, tornando os produtos jornalísticos lugares pulsantes para a compreensão do cotidiano nas suas mais diversas camadas. Nesse ponto, Prost (apud Luca, 2006, p.114), ressalta que os textos, de modo geral, passaram a interessar “menos pelo que eles dizem do que pela maneira como dizem, pelos termos que utilizam, pelos campos semânticos que traçam e poderíamos completar, também pelo interdito, pelas zonas de silêncio que estabelecem”.

Nesse ponto, destaca-se a importância de historicizar as fontes. Como pontua Luca (2006, p.132), “historicizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê”. Ainda com relação a este ponto, importante acrescentar que “os discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que os cercam. A ênfase em certos temas, a linguagem, a natureza do conteúdo tampouco se dissocia do público que o jornal ou revista pretende atingir” (LUCA, 2006, p.140).

Entre os meios pelos quais as notícias são veiculadas e tem seus sentidos construídos, os jornais impressos diários como os analisados nesta pesquisa desenham um papel importante. De acordo com Marques (2002) através da mídia impressa podemos entender a importância das epidemias como a da Aids e como elas revelam comportamentos sociais, valores culturais e formas de compreensão coletiva. Com isso, esses veículos se tornam objetos para análises sobre ideologias e respostas políticas, sociais e morais diante de graves problemas de saúde pública.

Uma epidemia, entendida como fenômeno social, mobiliza comunidades a revelar comportamentos que incorporam e reafirmam valores sociais e modos de compreensão do evento. Seu caráter público e sua intensidade dramática fazem com que as epidemias, antigas e modernas, constituam-se em um espaço de entendimento das relações entre ideologia, estrutura social e a construção de respostas ao fenômeno. Aos cientistas sociais as epidemias revelam-se como importantes espaços de pesquisa na reconstrução e análise de valores sociais e práticas institucionais em diferentes sociedades (Marques, 2002, p. 42).

Desde o surgimento dos primeiros casos de Aids no Brasil, Zicman (1985) destacava a importância da imprensa e seu papel fundamental no campo político-ideológico. Sendo assim, o uso desses veículos como fontes históricas mostra eles como parte ativa na

formação de opiniões, entretanto é importante que o pesquisador entenda o objeto apenas como fonte, sem um olhar crítico para o que for encontrado em suas páginas.

O Jornal é antes de tudo uma fonte onde se "recupera" o fato histórico - uma ponte ou trampolim em direção à realidade - não havendo entretanto interesse por sua crítica interna (Zicman, 1985, p. 90).

De acordo com Romancini (2007) o campo de estudos do Jornalismo possui uma forte ligação com o campo da História, o que evidencia não apenas a utilização dos jornais como fontes históricas, mas também o desenvolvimento da própria história do jornalismo, elaborada por historiadores e por pesquisadores da comunicação. Trazendo para os estudos sobre Aids e Mídia, podemos entender que o jornalismo em si funciona não só como uma prática social, no caso da circulação e produção de notícias, mas também como um campo de produção de memórias. Com isso, o uso desses jornais e seu estudo de forma sistemática, nos dão uma visão ainda mais privilegiada dos fatos por conta do seu caráter memorialista.

1.3 O jornalismo e os critérios de noticiabilidade

Seja nas redações ou nas externas, tudo que é jornalístico é construído com base em uma relação direta com a audiência. De acordo com Guerra (2021) quando os veículos de comunicação, no caso dessa pesquisa os de mídia impressa, produzem discursos para comunicar algo, eles partem do ponto de que existe um público alvo que vai consumir aquela informação. Tudo isso é realizado por meio do uso de uma série de fatores como textos, falas e imagens, que juntos formam um conceito de valor-notícia.

Os valores-notícia funcionam, portanto, como idealizações do espectador real, a partir dos quais os jornalistas podem supor qual é o seu interlocutor, esforçando-se para adequar a sua oferta de informações aos interesses presumidos de sua audiência (Guerra, 2021, p. 44).

O objetivo de qualquer meio de comunicação é relatar acontecimentos considerados significativos e interessantes para o público, ou seja, os jornalistas - aqui incluídos veículos e comunicadores - precisam considerar não apenas com o conteúdo que desejam transmitir, mas também com as expectativas e interesses do público ao qual se dirigem. Na teoria, essa técnica é muito prática mas “apesar de ser, evidentemente, um propósito claro, este objetivo é, como muitos outros fenômenos aparentemente simples, inextrinavelmente complexo” (Wolf, 1999, p. 82).

Tudo o que não corresponde a esses requisitos é excluído, por não ser adequado às rotinas produtivas e aos cânones da cultura profissional. Não adquirindo o estatuto de notícia, permanece simplesmente um acontecimento que se perde entre a matéria-prima que o órgão de informação não consegue transformar e que, por conseguinte, não irá fazer parte dos conhecimentos do mundo adquiridos pelo público através das comunicações de massa (Wolf, 1999, p. 83).

Segundo Traquina (2007) estudos indicam que os profissionais do jornalismo tem dificuldades em explicar o que é notícia, e principalmente quais os critérios de noticiabilidade com respostas além das perguntas óbvias como "o que é importante" e/ou "o que interessa ao público". Por conta disso Galtung e Ruge (1965/1993 apud TRAQUINA, 2007) elencaram uma série de 12 'valores-notícia' que para além de guiar jornalistas, foram observados ao longo das análises realizadas nesta pesquisa, como os fatores amplitude, continuidade e negatividade, que mostram ainda mais a importância de análise dos corpus.

Um dos destaques para o estudo sobre os critérios de noticiabilidade, se aplica aos conceitos de enquadramentos. Segundo Entman (1993) os enquadramentos consistem em processos de seleção e ênfase de certos aspectos da realidade, fazendo com que eles se tornem mais salientes em um texto comunicativo. Essa técnica tem como objetivo orientar o público a construir uma definição particular do problema, identificar suas causas, emitir um julgamento moral e até mesmo sugerir soluções para o que está sendo mostrado.

Parto do princípio de que as definições de uma situação são construídas de acordo com princípios de organização que governam eventos – pelo menos os sociais – e o nosso envolvimento subjetivo neles; enquadramento é a palavra que eu uso para referir-me a um destes elementos básicos, tais como sou capaz de identificar. Esta é minha definição de enquadramento. Minha expressão análise do enquadramento é um slogan para referir-me, nesses termos, ao exame da organização da experiência (Goffman, 1974, p. 11).

Esses enquadramentos podem ser observados das mais diversas formas nas coberturas jornalísticas. Tankard (2001 apud Porto, 2002) propõe uma abordagem mais sistemática, destacando 11 pontos focais que permitem observar como os enquadramentos se manifestam nas notícias. Segundo o autor, é possível identificar os frames por meio da análise de elementos como: manchetes, subtítulos, fotografias, legendas, lides, seleção de fontes, seleção de falas, citações diretas, logotipos e identidade visual, infográficos e parágrafos conclusivos. Esses componentes não apenas compõem a estrutura da notícia, mas também funcionam como espaços onde os significados são construídos, direcionando a interpretação do leitor.

2 CAMINHOS DA PESQUISA: ESCOLHAS METODOLÓGICAS

2.1 - Sobre o objeto de estudo

O corpus desta pesquisa envolve os jornais O Dia, O Estado e Jornal da Manhã. Os três periódicos eram durante a década de 1980, a principal tríade da imprensa em circulação na cidade de Teresina. Cada um dos veículos analisados desempenhava um papel relevante na formação da opinião pública local, com fontes, linguagens e coberturas próprias.

O objeto da pesquisa são notícias publicadas nos três jornais sobre a chegada da pandemia de HIV/Aids na capital do Piauí, no ano de 1987. A mostra incluiu todas as edições publicadas no decorrer de 1 ano, no período que corresponde de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 1987.

A ideia de pesquisar a cobertura da Aids através das páginas do Jornal O Dia, surgiu pelo fato do periódico ser o impresso mais antigo, ainda em circulação, na capital piauiense. O impresso teve sua primeira fase iniciada em 1923, mas após um hiato foi refundado em 1º de fevereiro de 1951, pelo professor Leão Monteiro, com direção de Abdias Neves. No início, o periódico circulava como semanário, por conta da falta de maquinário para impressão e a falta de notícias na capital. Com o fim da versão impressa do jornal Meio Norte em abril de 2024, O Dia passou a ser o único jornal impresso diário em circulação no estado do Piauí. Já se passaram 74 anos desde a sua primeira publicação e ao longo desse período já foram publicadas 20.953 edições.

Na linha de relevância, o jornal 'O Estado' era o segundo maior da capital do Piauí. Fundado em 1969 pelo jornalista Helder Feitosa, o impresso também fazia parte do grupo que incluía a Rádio Poty FM. O veículo enfrentou uma fase delicada em sua história após o assassinato de seu fundador, em 1987. O episódio desencadeou uma crise financeira na família do jornalista. Com o agravamento da situação, os veículos foram vendidos ao empresário Paulo Guimarães em 1994. O veículo fechou as portas em dezembro de 1994 e em 1º de janeiro de 1995, o jornal foi oficialmente substituído pelo Jornal Meio Norte.

O último veículo analisado foi o Jornal da Manhã, que apesar de sua importância para essa pesquisa, tem pouco material sobre sua história disponível. O que se sabe é que o impresso foi fundado no final da década de 1970 pelo empresário José Elias Tajra, também responsável pela fundação da TV Antena 10, afiliada da TV Record no Piauí. A data da sua

última edição não foi encontrada, mas por falta de modernização estima-se que o impresso tenha deixado de existir em meados dos anos 1990.

2.2- Sobre a coleta do corpus de pesquisa

A análise para essa pesquisa foi longa, ao todo foram analisadas 983 edições impressas, sendo 394 do jornal O Estado, 295 do Jornal O Dia e 294 do Jornal da Manhã. Ao todo foram veiculadas 28 matérias sobre a doença nos três jornais durante o ano de 1987. Desse material coletado, 19 estão no Jornal O Dia, 3 do Jornal O Estado e 6 do Jornal da Manhã.

O corpus de pesquisa foi coletado por meio da catalogação das edições físicas do jornal O Dia, disponibilizadas no Acervo do Arquivo Público do Piauí. A coleta aconteceu em 8 meses, no período que corresponde a setembro de 2024 e abril de 2025. As referidas edições que compreendem o período definido para análise estão distribuídas em 6 blocos de folhas, cada um contendo de dois a três meses. Inicialmente, cada menção foi escrita em um caderno particular, mas por conta do tempo que levava, elas passaram a ser fotografadas através do meu celular. Logo em seguida, foram separadas por jornal.

2.3 Sobre a metodologia

Esta pesquisa busca analisar a cobertura da chegada da Aids em Teresina no ano de 1987 dos jornais O Dia, O Estado e Jornal da Manhã. Com base no objeto aqui determinado, será traçado o percurso metodológico a fim de responder os questionamentos colocados ao decorrer deste estudo.

Nosso principal apoio metodológico foi a análise de conteúdo, caracterizada como um conjunto de técnicas utilizadas para examinar e interpretar dados. No caso desta pesquisa: textos, falas, fotos e enquadramentos da cobertura da chegada da cobertura dos primeiros casos de Aids, no âmbito dos três principais veículos de comunicação da época. Como apporte para esta parte, usamos os conceitos de Bardin (2004) que define que a técnica pode ser usada como ponto de partida para definir e identificar os sentidos ocultos, ou não percebidos, nos discursos analisados.

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens (Bardin, 2004, p. 42)

É importante destacar que, apesar do foco estar no conteúdo, a análise também leva em conta a forma como a mensagem está estruturada, nos concentrando tanto nos significados que as mensagens trazem, quanto na forma como elas realmente são apresentadas.

Acrescentamos que em alguns momentos, valemo-nos também de ferramentas da análise do discurso, uma vertente que estuda o discurso não apenas como linguagem ou texto, mas como uma prática social e histórica, carregada de sentidos ideológicos e posições dos sujeitos. De acordo com Fausto Neto (1991) com base nesses estudos, entendemos que o discurso não é apenas um signo qualquer, mas funciona como um dispositivo mais complexo, que tem estratégias próprias para gerar noções de realidade.

A comunicação não se constitui apenas num sistema repassador do “discurso primeiro”, a comunicação não é, somente, um campo de repasse de conteúdos, mas ela é também se converte em dispositivo de produção de realidade e de conhecimento (Fausto Neto, 1991, p. 14).

Ao longo desta pesquisa, analisamos o texto com o que está no papel, ou seja, o dito, e também o que não está nele, o não dito.

3 A COBERTURA DOS PRIMEIROS CASOS DE AIDS NAS PÁGINAS DE JORNais PIAUIENSES

3.1 - Jornal O dia

No estado do Piauí, a doença demorou a ganhar manchetes da grande mídia. Após analisar as edições de 1983 a 1986, chegamos ao grande ano de 1987. Só foi possível observar esse primeiro exemplo cerca de 4 anos após a confirmação científica do primeiro caso. Foi na edição N° 8336 do Jornal O Dia, publicada no dia 10 de fevereiro de 1987, que a doença foi noticiada pela primeira vez no âmbito do Jornal O Dia. Um box em preto (figura 1) anuncia “Três casos de Aids no Piauí”. No entanto, a localização na página é valorativa, o que possibilita intuir que o jornal também considera o assunto, haja vista que vem abaixo da manchete, no canto direito da parte de cima da página.



Figura 1: Primeira menção da Aids em Teresina
Fonte: Reprodução Jornal O Dia, 10 de fevereiro de 1987, página 1

A primeira matéria sobre o caso veio discreta e sem muito alarde “Autoridades negam mas, Piauí tem 3 vitimas da AIDS” (figura 2).



Figura 2: Primeira matéria da Aids em Teresina

Fonte: Reprodução Jornal O Dia, 10 de fevereiro de 1987, página 2

A informação foi vazada com exclusividade, aos jornalistas do jornal O Dia, por uma enfermeira do Hospital de Doenças Infecto-Contagiosas (HDIC). Mesmo que escrita em poucas linhas e com apenas duas colunas, a notícia veio cheia de estereótipos “Os três pacientes apresentaram os principais sintomas da Aids: vômitos, diarreia, febre e são homossexuais”, diz.

Três dias depois, na edição N° 8338, publicada no dia 13 de fevereiro de 1987, a doença ganhava sua primeira manchete na mídia piauiense “Diretor do HDIC confirma, Piauí tem três casos de AIDS”. Na referida data o jornal O Dia foi o único grande veículo de comunicação impresso que levou a informação de que os casos estavam confirmados, os concorrentes da época, os jornais O Estado e Jornal da Manhã, não escreveram nem sobre a suspeita e muito menos sobre a existência da doença na capital.

Essa edição traz pontos interessantes como, por exemplo, a informação de que o primeiro caso surgiu 1 ano e 6 meses antes da confirmação pela imprensa, ou seja, a Aids estava no estado do Piauí, em agosto de 1985. O médico Fernando Correia Lima, na época diretor do HDIC, disse em entrevista ao jornal O Dia, que o paciente em questão ficou cerca de um ano fazendo tratamento e acabou “sumindo”, logo em seguida. Acredita-se que o homem tenha sido a primeira morte em decorrência de doenças oportunistas, apesar de que não foi possível ser feito o exame laboratorial para confirmar a doença.

A edição N° 8341, publicada em 17 de fevereiro de 1987, o jornal O Dia traz um alerta: “Campanha contra Aids começa com distribuição de cartaz”. A matéria é pequena e

conta apenas com duas colunas, mas traz as primeiras medidas do Governo estadual e da Prefeitura de Teresina, para o combate da doença.

A campanha inicial incluía a distribuição de 500 folhetos para hospitais e postos de saúde alertando sobre os perigos da Aids e como prevenir, na época a distribuição de preservativos para as pessoas do grupo de risco era uma possibilidade, mas sem confirmação dos órgãos.

A campanha ainda estava tomando forma, mas seria obrigatório a divulgação de 4 filmetes de 2 minutos em todas emissoras, com foco principal nos grupos de risco, a campanha levava o slogan “Aids, você deve saber evitar”. E mais uma vez o preconceito é destaque no texto, desta vez o então Secretario de Saúde de Teresina, o médico Pedro Augusto Pedreira, destacou em entrevista ao impresso que “a promiscuidade (lê-se aqui ser homossexual) e a troca constante de parceiros sexuais sujeitam mais as pessoas a serem vítimas do mal”.

A edição N° 8345 do Jornal O Dia, publicada no dia 21 de fevereiro de 1987, segue na mesma linha e anuncia que a campanha contra a doença começa em março. De forma bem rápida é destacado que em pronunciamento na TV Rádio Clube, o então Secretário de Saúde do Piauí, o médico Anfrísio Neto, pontua que o Estado vai tomar algumas medidas para conter o avanço da doença como a distribuição de preservativos para o grupo de risco, divulgação de material informativo nas emissoras de televisão e a distribuição de cartilhas para popular em geral, de forma a amenizar o preconceito e aumentar o senso comum sobre a doença.

Na edição N° 8346, especial para os dias de 22/23 de fevereiro de 1987, temos mais detalhes da campanha contra a Aids. A propaganda continha apenas 30 segundos e sua exibição abrangeu as emissoras Rádio Clube, TV Educativa, TV Pioneira e TV Timon. Os filmetes continham imagens de corredores vazios de um hospital e as medidas necessárias para conter o avanço da doença, essas mesmas foram citadas ao longo desta pesquisa. Um dos destaques da propaganda é a linguagem mais curta e seca, sem muitos rodeios. Além disso, a edição informa que outros quatro filmes ainda não tinham sido gravados para serem veiculados. Esses, por sua vez, seriam mais descontraídos, principalmente usando de humor ou frases de duplo sentido, de forma a prender a atenção do telespectador. “Cuide-se. A Aids leva qualquer um para cama”, dizia.

A campanha contra a Aids na capital piauiense começou oficialmente no dia 24 de fevereiro de 1987. A edição N° 8347 traz pela primeira vez, após quase 1 mês desde a veiculação da confirmação da doença na cidade, o relato de um homem gay, tido na época

como o principal grupo de risco da Aids. O homem foi identificado como Francisco Dantas, o estudante relatou aos jornalistas do Jornal O Dia algumas das precauções que usava com seus parceiros em momentos mais íntimos. “Quando o meu parceiro procura ter uma relação, eu digo que só participo com uso de preservativo”, afirmou Francisco.

O relato do jovem é importante, principalmente sob o olhar da sociedade acerca da população LBGTQIAPN+ na década de 80.

Na esteira do medo, naturalmente, a prática homossexual aparecia como a grande vilã, ainda quando não explicitamente. De forma às vezes mais direta, às vezes mais sutil, assistiu-se ao curso de uma série de revisões, em todas as frentes, como tentativas ideológicas de "proteger-se" da epidemia da Aids combatendo o "vírus" da homossexualidade, num fantástico e alarmante processo de inversão. Ante o fantasma da morte, elegeu-se um bode expiatório, como sempre acontece nas grandes calamidades públicas e nas fobias daí resultantes. De execrado, o homossexualismo tornou-se maldito (Trevissan, 2000, p. 449).

Na edição também entendemos mais uma vez que a campanha foi lançada antes do carnaval, que começaria no dia 27 de fevereiro, 3 dias antes do início da movimentação, como forma de alertar a população homosexual. Aqui podemos destacar que o Jornal O Dia toma uma frente mais respeitosa, diferente de outros veículos da época ao enfatizar a “não condenação da prática homosexual anal ou homosexual”, em tempos mais sombrios era raro ter veículos que entendiam por um breve momento a luta e o sofrimento da comunidade LBGTQIAPN+.

3.1.1 Em nome de Deus

Quando as primeiras informações sobre a Aids começaram a ser veiculadas na mídia, elas chegaram carregadas de muito preconceito por conta do principal grupo de risco, aliado a costumes da religião cristã. De acordo com Ferrara, Paiva, Parker (2013) a condenação religiosa da homossexualidade contribui para o estigma e discriminação contra homossexuais e principalmente para uma maior vulnerabilidade dessa parcela da sociedade. Por mais que o Brasil seja considerado um Estado laico, direito assegurado na constituição promulgada em 1988, grande parte da população segue os dogmas do cristianismo.

Em Teresina, a edição N° 8348 do Jornal O Dia, publicada no dia 25 de fevereiro de 1987, temos a primeira menção do olhar cristão diante da epidemia de HIV/Aids na capital. Dom Miguel Fenelon Câmara, então arcebispo de Teresina e Coordenador da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), declarou ser a favor da campanha contra a

doença e principalmente defendeu a participação da igreja católica durante o período. Um box traz na capa “Arcebispo é a favor da campanha de Aids” (figura 3)



Figura 3: Primeira menção sobre Aids e religião
Fonte: Reprodução Jornal O Dia, 25 de fevereiro de 1987, página 1

As aspas destacam um momento importante para o combate da doença e principalmente do seu estigma.

O estigma e a discriminação associados ao HIV/Aids podem reduzir/dificultar a procura pela realização do teste, devido ao receio do resultado, bem como a busca de tratamento adequado nos serviços de saúde após a condição sorológica positiva revelada (Garcia; Koyama, 2008, p.73).

3.1.2 Seguindo a análise das edições

A cobertura do jornal O Dia acerca da Aids teve um breve hiato a partir da edição N° 8348, publicada no dia 25 de fevereiro de 1987, voltando a ser citada apenas na edição N° 8354, publicada no dia 06 de março de 1987. O período de nove dias entre as veiculações corresponde ao carnaval daquele mesmo ano, onde apesar da circulação do veículo nos dias da festividade, a doença passou um período apagada.

Em sua volta às páginas do Jornal O Dia, o tema é tratado de uma forma diferente: é abordado a grande comercialização de camisetas na capital do Piauí após o início da campanha, principalmente com o fim do carnaval. “Medo de contrair aids faz crescer venda de camisinha”, diz o box na capa da edição (figura 4).

Medo da Aids aumenta venda de preservativos



Psiquiatras e psicólogos alarmados com o crescimento de suicídios provocados pela Aids, doença que vem causando muita apreensão. Segundo especialistas em estiveram reunidos nesse encontro em Genebra, a doença não é apenas um problema social, mas também psiquiátrico. Em Teresina, o medo de Aids está aumentando. Por isso, as farmácias estão vendendo mais camisinha preservativo indicado para uso em consultórios médicos como forma de prevenir a doença. Funcionários das farmácias procuram por camisinha maior depois que a campanha contra a doença é transmitida pela televisão.

Figura 4: Aids aumenta venda de preservativos em Teresina
Fonte: Reprodução Jornal O Dia, 6 de março de 1987, página 1

A matéria é bem completa e traz dados sobre a importância da prevenção, a vergonha na hora da compra e os principais responsáveis por esgotar as camisinhas “Homens, mulheres, velhos, jovens e os homossexuais”, diz o texto.

As primeiras mortes em decorrência da Aids no Piauí foram noticiadas oficialmente no dia 12 de março de 1987. A edição N° 8359 trouxe como destaque em sua capa o título “Aids mata no Piauí”. As duas vítimas foram homens, ambos declarados de forma pejorativa pelo termo aidéticos. De acordo com O Dia, eles seguiam características peculiares que perpetuaram por demais pacientes acometidos com a doença: eram bissexuais, casados, com filhos e possuíam poucos parceiros (figura 5).

Aids mata no Piauí

O bailarino e professor de dança Rui Egídio Silva, da Academia Agitare e Escola de Dança do Theatro 4 de Setembro, e o funcionário público identificado apenas por Francisco, morreram de Aids no ano passado. A primeira vítima foi o servidor público, que

era casado e pai de dois filhos. Esteve internado no Hospital de Doenças Infecto-Contagiosas e São Marcos.

O bailarino paulista Rui Egídio, que em outubro do ano passado foi internado pela primeira vez no HDIC, onde foi

diagnosticada a sua doença, foi transferido para São Paulo e lá morreu em novembro. O médico Fernando Correia Lima, diretor do HDIC, disse que o número de casos de Aids não aumentou.

Página 2

Figura 5: Aids mata no Piauí
Fonte: Reprodução Jornal O Dia, 12 de março de 1987, página 1

O primeiro entre os mortos foi identificado como Francisco, ele era servidor público, casado com uma mulher e pai de dois filhos. Morador da cidade de Altos, na região metropolitana de Teresina, o servidor confessou aos médicos que teve experiências homoafetivas. Sua morte aconteceu em 1986, apesar de uma breve melhora durante o tratamento, mas apenas 1987 com a chegada de exames mais específicos foi possível identificar que Francisco morreu de Aids.

A conclusão aconteceu principalmente pelo fato do servidor apresentar os principais sintomas da doença, sendo destacados pelo O Dia como: “gânglios na axila, pescoço e virilha; manchas vermelhas na pele; febre presente com emagrecimento; infecções repetidas e diarréias prolongadas”.

A segunda vítima foi identificada como Rui Egidio da Silva, o jovem trabalhava como bailarino, professor de jazz e fazia parte do balé da Academia Agitate e da Escola de Danças do Theatro 4 de Setembro. Rui foi internado no Hospital de Doenças Infecto-Contagiosas (HDIC) em 1986, com sintomas mais leves da doença como manchas e diarréia.

O jornal destacou que durante a interação, Rui ficou na companhia do também bailarino da Academia Agitate, Eli Batista, dando a entender que provavelmente os dois seriam um casal homoafetivo. A pedido de sua família, o bailarino foi transferido para fazer o tratamento contra a doença em São Paulo. Sua morte foi confirmada em novembro do mesmo ano.

A doença se alastrou pela cidade e começou a causar medo à medida que novos casos começavam a surgir. Fernando Correia Lima, diretor do HDIC, disse em entrevista que estava na mesma edição que estava “Ocorrendo uma verdadeira aidsfobia (foi a primeira vez que o O Dia usou um termo para definir o preconceito). Basta estar no grupo de risco e apresentar pequenos sintomas para correr aos médicos”.

O médico também elencou alguns problemas que começaram surgir com a popularização da doença. Para resguardar a vida privada e familiar, muitos pacientes evitavam se internar em hospitais públicos da capital e até mesmo buscavam novas alternativas de tratamento em outros estados. Além disso, houve problemas em comunicar a sorologia dos pacientes, destacado pelo médico como “A principal dificuldade”. Os homens eram aconselhados a usar preservativos nas novas relações sexuais e fazer um teste de sorologia. Por outro lado, as mulheres de pacientes com Aids eram induzidas apenas a fazer o uso de camisinha durante o sexo.

As mulheres, até finais da década de 80, ainda não haviam adquirido ‘visibilidade’ no contexto da expansão da epidemia. Até então, a Aids era uma doença de homossexuais masculinos, de usuários de drogas injetáveis, dos hemofílicos/transfundidos e, no máximo, de suas parceiras sexuais. Quando a comunidade científica classificou um enorme contingente de mulheres categorizadas na rubrica ‘outros’ (Vermelho; Formosa; Nogueira, 1999, p. 370).

3.1.3 Sangue do meu sangue

A Aids retorna às páginas do periódico apenas no dia 13 de maio de 1987, a edição N° 8408 começa com um dos impactos mais importantes relacionados à doença: a doação de sangue. De acordo com o Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids (UNAIDS), uma pessoa pode ser contaminada pelo vírus da Aids, o HIV, por meio da troca de fluídos corporais como é o caso do sêmen, secreções vaginais, leite materno e sangue contaminado.

O Dia traz em destaque em sua capa o texto: “Todo sangue para doação vai passar por um exame” (figura 6).



Figura 6: Todo sangue vai ser testado
Fonte: Reprodução Jornal O Dia, 13 de maio de 1987, página 1

A informação foi dada pelo então diretor do Hemopi (Centro de Hematologia e Hemoterapia do Piauí), o médico Antonio Alves Lages. O exame usado levava o nome de “Eliza”, que identificava o vírus após o contato de um reagente com o sangue infectado.

O modelo de exame segue até hoje sendo utilizado por técnicos em Unidades Básicas de Saúde e Centros de Testagem e Aconselhamento, para detectar o vírus da doença. Entre os destaques estão a quantidade de pessoas para que o exame fosse realizado. Na época, eram necessárias 10 pessoas, entre técnicos, médicos especialistas e bioquímicos. Atualmente, a testagem é feita apenas por um técnico ou então pelo próprio paciente através do autoteste.

A medida buscava aumentar o número de doações que, por falta de informação, foi “diminuindo sensivelmente o número de doadores de sangue, receosos de contrair Aids das agulhas” (Trevissan, 2000, p.432). Segundo dados do Hemopi, quatro anos antes, eram registradas cerca de mil coletas por mês, com a chegada da doença o número caiu quase $\frac{1}{2}$ e passaram a ser registradas de 150 a 200 doações mensais.

Homens homossexuais foram classificados como "grupos de risco" no início da epidemia do HIV/AIDS. Em razão disso, foram proibidos de doar sangue pela generalidade dos países, para proteger os(as) receptores(as) de sangue. Alguns países, como o Brasil, ainda adotam uma restrição parecida, proibindo "homens que fizeram sexo com outros homens nos últimos doze meses e respectivas parceiras" de doarem sangue (Vecchiatti, 2018, p. 465).

Os debates sobre sangue e Aids só retornam às páginas do O Dia na edição Nº 8431, publicada no dia 9 de junho de 1987. “Hemocentro suspende os exames anti-Aids”, diz um box na capa (figura 7).



Figura 7: Suspensão de exames anti-Aids
Fonte: Reprodução Jornal O Dia, 09 de junho de 1987, página 1

O Centro de Hematologia e Hemoterapia do Piauí fez a suspensão dos testes por falta de material adequado, o pedido foi feito pelo próprio Ministério da Saúde, como forma de prevenir transmissões através dos fluidos que seriam doados. Um dado importante apurado pelo periódico é o fato de que cerca de 10% das doações diárias recebidas pelo banco de sangue testaram positivo para outra infecção sexualmente transmissível, a sífilis. A doença se concentrava entre “hemofílicos, homossexuais, viciados e prostitutas”.

A edição Nº 8441, especial para os dias 21/22 de junho de 1987, destacou “Teste para detectar Aids chega a Teresina amanhã”. Teresina foi a primeira capital do Brasil a receber os novos lotes de testes com o intuito de averiguar a contaminação da doença. Ao todo foram distribuídos em todo o país cerca de 148 mil testes, para realizar o controle de qualidade do sangue usado em transfusões, um procedimento que passaria a ser obrigatório a partir do dia 20 de julho de 1987. “Sangue para doação agora passa por teste anti-Aids”, diz a edição Nº 8442, publicada no dia 23 de junho de 1987. Os testes chegaram até as capitais com duas semanas de atraso, motivado pela falta de caixas de isopor no mercado de Brasília, usadas para conservação dos testes durante o transporte.

Os resultados da chegada dos testes começaram a ser observados a partir do dia 24 de junho de 1987. A edição Nº 8443 destaca que o Hemocentro não identificou novos casos de Aids através dos novos testes disponibilizados. Até o dia 6 de julho de 1987, a testagem seria realizada no âmbito experimental. Novos pacientes teriam que ter suas amostras enviadas para a Fundação Oswaldo Cruz no Rio de Janeiro, e caso fosse comprovado a elegibilidade da doença, eles seriam transferidos de Teresina para um hospital no Sul do Brasil, especializado no tratamento da doença.

3.1.4 Educação sexual

Aids e educação sexual são temas debatidos até os dias atuais, mas chegaram até a capital do Piauí na década de 1980. Publicada no dia 16 de julho de 1987, a edição Nº 8462 traz na capa “Escola ensinará como combater Aids” (figura 8).



Figura 8: Aulas sobre Aids em escolas públicas

Fonte: Reprodução Jornal O Dia, 16 de julho de 1987, página 1

Encabeçada pelo então Secretário de Educação, Antonio Noronha Filho, a proposta seria adicionar a disciplina de educação sexual na grade curricular dos estudantes, como forma de orientar os alunos sobre defesa contra doenças sexualmente transmissíveis, com foco maior na Aids. Antes disso, os professores passariam por um treinamento para ministrar as aulas.

A proposta foi alvo de críticas por parte do Presidente da Associação dos Professores do Estado do Piauí, Francisco Soares. Em entrevista ao Jornal O Dia, Soares destacou que era contra a existência de uma disciplina com foco apenas em discutir sobre infecções sexualmente transmissíveis. O presidente da Apep defendeu que o assunto deveria ser tratado apenas para alunos a partir da 8º série do primeiro grau, atualmente 9º ano do ensino fundamental.

No dia 1º de agosto de 1987, a edição Nº 8476 traz em destaque “Hemopi tem dois casos de suspeita de Aids”. Os novos casos são resultado da chegada dos novos exames para testagem de sangue doados. O periódico destaca que muitos moradores da capital ficaram mais interessados em fazer doações, por conta da gratuidade para testagem de HIV/Aids. Um

dos suspeitos teve suas amostras enviadas para o Rio de Janeiro, com o intuito de investigar mais o quadro da sua sorologia. O outro caso remete a um morador do interior do Piauí, o Hemopi acionou o paciente para realizar novos exames laboratoriais.

A edição Nº 8485 traz, publicada no dia 12 de agosto de 1987, traz à tona o sumiço de um dos pacientes suspeitos de conter o vírus. “Some piauiense com Aids”, diz o título (figura 9).



Figura 9: Some piauiense com Aids
Fonte: Reprodução Jornal O Dia, 12 de agosto de 1987, página 1

O homem era funcionário público, e foi até o Hemopi para ser incluído como doador voluntário. Durante a testagem foi constatada a contaminação pelo vírus, em um grau mais leve. Foram enviadas cerca de 25 cartas para o doador em seu antigo endereço, mas sem sucesso. Além disso, o Hemopi tentou contatar o homem em quatro repartições públicas, mas em nenhuma delas ele foi encontrado.

Em agosto de 1987, a Aids foi manchete pela segunda vez no Jornal O Dia. “Mais dois casos de Aids no Piauí”, diz o título da edição Nº 8496, publicada no dia 25 de agosto de 1987. A informação foi confirmada pelo médico Sílvio Mendes, diretor do Departamento de Assuntos Especiais de Saúde (DAES). Em entrevista, o médico destacou que as duas novas notificações do vírus foram possíveis por conta dos testes com doadores de sangue.

Não foram divulgadas as identidades de ambos os pacientes, apenas que eles estavam no grupo dos homossexuais e bissexuais.

Segundo Sílvio Mendes, apesar do HDIC ter leitos disponíveis, os dois novos pacientes foram encaminhados para fazer tratamento em São Paulo. Vale ressaltar que a Secretaria de Saúde destacou que entre os casos já confirmados, dois pacientes estavam mortos.

A última vez que a Aids em Teresina foi pautada no Jornal O Dia, no ano de 1987, foi na edição Nº 8587, publicada no dia 16 de dezembro de 1987. “Morrem mais duas pessoas com AIDS”, diz a terceira e última vez que a doença é manchete no ano (figura 10).

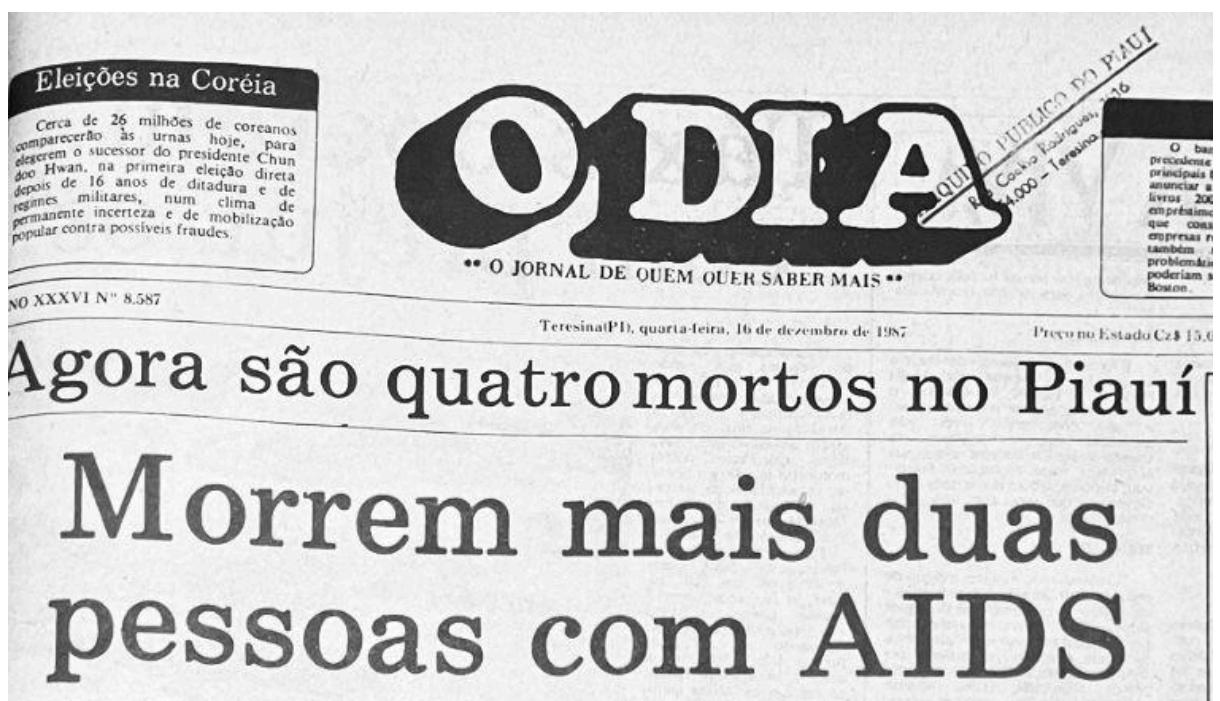


Figura 10: Morrem duas pessoas com Aids
Fonte: Reprodução Jornal O Dia, 16 de dezembro de 1987, página 1

Os dois óbitos foram confirmados pela Secretaria de Saúde na data da publicação. A primeira vítima tinha 30 anos e desde que começou a fazer o tratamento, negou aos médicos de que seria homossexual, ou que teve envolvimento com homens. Ele morreu por complicações de encefalite, uma doença que causa inflamação no cérebro.

A segunda vítima confirmada também era do sexo masculino, segundo informações apuradas pelo jornal, ele tinha 50 anos, era de classe média e morava no interior do estado. Ele nunca chegou a ser internado para fazer o tratamento e morreu em casa no mês de outubro de 1987.

3.2 Jornal O Estado

O segundo periódico estudado nesta pesquisa é o jornal “O Estado”, inaugurado no começo dos anos 1970, o veículo era um dos impressos de maior circulação de Teresina ao lado dos jornais O Dia e Jornal da Manhã. Foram analisadas as edições Nº 4103, publicada no dia 1º de janeiro de 1987, até a edição de Nº 4497, que foi publicada no dia 31 de dezembro de 1987. A cobertura da chegada da Aids em suas páginas começou na edição Nº 4242, correspondente aos dias 15/16 de fevereiro de 1987. Um box grande anunciava logo na capa do jornal: “O terror da AIDS chega a Teresina”. (figura 11).



Figura 11: O terror da AIDS chega a Teresina
Fonte: Reprodução Jornal O Estado, 15/16 de fevereiro de 1987, página 1

A matéria chega carregada dos preconceitos da época contra a comunidade GLS (sigla usada na época para gays, lésbicas e simpatizantes) e toma toda a página cinco do impresso. “O medo de contrair a Síndrome da Deficiência Imunológica Adquirida (AIDS) transformou prostitutas e homossexuais em rivais, tal como o gato e o cão, contrariamente ao que acontecia antes. O medo do próprio infarto tornava essas criaturas solidárias entre si, pela semelhança de vida que levavam. Enquanto isso, o medo de AIDS se apoderou das prostitutas da zona sul (Tabuleta), onde centenas de caminhoneiros são atraídos e homens e mulheres fazem o “trotó” diariamente, a partir das 18 horas, assumindo um papel que antes era reservado

no passado, quando o próprio infortúnio tornava essas criaturas solidárias entre si, pela semelhança de vida que levavam”, diz o primeiro parágrafo da reportagem.

Alguns pontos chamam a atenção durante a análise, dois deles são os intertítulos usados: “Vendas caem” e “Primeiro mosquito”. O primeiro faz referência a queda nas vendas de comidas e bebidas em locais que funcionavam como “prostíbulos” para caminhoneiros no bairro Tabuleta (Zona Sul de Teresina) isso porque as garotas da noite tinham medo de contrair o vírus do HIV após manter relações com os trabalhadores. O segundo segue a mesma linha e destaca que os caminhoneiros seriam considerados os condutores da doença por conta do seu modo de trabalho e vida sexual, com preferência por manter relações com travestis nas boleias dos caminhões.

O ponto final da grande matéria é um pequeno box de opinião no final da página, intitulado: “TV: Mito de ontem e fantasma de hoje”. O texto faz referência a uma possível força da televisão em influenciar as pessoas a se tornarem homossexuais, por conta da sua forma de difundir a existência dessas pessoas. “Acredita-se, hoje, em Teresina, que o Brasil não estaria no terceiro lugar em casos de AIDS, se a televisão não tivesse fabricado tantos homossexuais, através dos ‘mitos’ que formou, substituindo valores tradicionais...disseminando no país o culto ao homossexualismo”. O trecho final é o grande ápice do texto e destaca que ao invés do meio televisivo reportar a ideia de pavor diante da doença, era melhor difundir uma vertente que coloque a morte pela Aids como algo “heróico”.

A doença é novamente pauta no jornal no dia 24 de fevereiro de 1987, quando ganha manchete no topo da página da edição Nº 4248. “Campanha contra a AIDS começa hoje”, diz o título. Apesar da importância do tema, afinal era o início da primeira medida de combate da doença na capital, o periódico fez apenas um pequeno texto logo abaixo do título falando sobre a campanha. “A campanha prevê, inicialmente, a divulgação de mensagens alerta contra a AIDS através dos meios de comunicação de massa”, diz.

A última vez que o jornal O Estado fala sobre a chegada da Aids em Teresina foi registrada no dia 25 de agosto de 1987, na edição Nº 4394. “Detectado 5 casos de AIDS em Teresina”, diz o título em negrito no meio da capa. A matéria foi escrita em apenas uma coluna e destaca que os novos causos foram identificados através da realização dos chamados ‘kits’ para testes com doadores de sangue do Centro de Hematologia e Hemoterapia do Hospital Getúlio Vargas.

3.3 Jornal da Manhã

O terceiro e último veículo impresso a ser analisado nesta pesquisa é o “Jornal da Manhã”. Principal concorrente do O Dia e O Estado, o periódico era o mais novo entre os três e teve sua análise com base nas edições Nº 1948 a Nº 2242, veiculadas entre os dias 4 de janeiro de 1987 (os três primeiros dias do ano não estavam disponíveis no acervo público do Piauí) e 31 de dezembro de 1987.

Ao contrário dos outros dois jornais analisados, o *Jornal da Manhã* não realizou cobertura imediata sobre os primeiros registros da Aids em Teresina, o que representa uma lacuna relevante na construção narrativa da epidemia na capital. A primeira vez que a doença apareceu nas páginas do impresso foi na edição Nº 1995, publicada no dia 1º de março de 1987. A abordagem aconteceu com um certo atraso, levando em conta que O Dia e O Estado trouxeram as primeiras informações durante o mês de fevereiro de 1987. Essa diferença temporal na abordagem da pauta revela não apenas um atraso editorial, mas também indica possíveis prioridades distintas entre as redações no que diz respeito à cobertura da doença. Para além da distância temporal entre os veículos, a primeira evolução sobre a doença quase passa despercebida em um pequeno texto na capa sobre a chegada das festividades do Carnaval na cidade, mas a matéria principal é escrita de forma direta. “Carnaval começa sob o signo da temível Aids”. (figura 12)



Figura 12: Carnaval começa sob o signo da temível Aids

Fonte: Reprodução Jornal da Manhã, 1 de março de 1987, página 2

A reportagem logo ocupa uma página inteira, e adotava um tom direto sobre Aids e Carnaval. O primeiro analisado foi o pioneirismo da distribuição de preservativos no evento, algo até então incomum em ações públicas de saúde preventiva em Teresina. Cerca de 500 unidades de camisinha foram entregues à população, por meio de uma iniciativa liderada por Deusdeth Nunes, conhecido popularmente como Garrincha, então presidente da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (SEMEL).

3.3.1 Igreja Opina

Duas importantes figuras da capital se posicionaram sobre o caso e foram ouvidas pelo impresso. Assim como já havia ocorrido na cobertura do Jornal O Dia, a Igreja Católica também teve papel ativo na construção do discurso em torno da epidemia, especialmente em relação à moral sexual e às formas consideradas “aceitáveis” de prevenção contra a doença.

Para a reportagem, o Jornal da Manhã ouviu duas figuras importantes da capital, uma delas foi o arcebispo de Teresina, Dom Miguel Câmara, que reiterou a tradicional posição da Igreja no combate à doença a partir de preceitos religiosos. “A igreja faz a campanha contra a Aids, a nível práticos, seguir os mandamentos da Lei de Deus, ou seja, não pecar contra a castidade”, afirmou. A declaração do líder religioso reforça ainda mais a ideia de que a prevenção, sob a visão da igreja, estaria mais ligada à conduta moral – ou seja, a forma na qual os cristãos seguiam os mandamentos de Deus – do que a medidas científicas e concretas de saúde pública.

Por outro lado, o posicionamento de Dom Miguel foi seguido por uma reação ainda mais conservadora, vindas de Frei Dalmir, então vigário da Paróquia de São Benedito, que não pouparon críticas à ação promovida por Deusdeth Nunes. O religioso afirmou que a distribuição de preservativos durante o Carnaval seria nada mais do que uma “legalização de um motel” e representava um “incentivo à prática do pecado”.

3.3.2 Sou mulher

A doença volta a ser mencionada nas páginas do Jornal da Manhã na edição N° 1996, publicada em 5 de março de 1987. Dessa vez, o contexto é uma reportagem que fala sobre as festividades de Carnaval ocorridas na Avenida Frei Serafim, então o principal corredor da folia em Teresina. Pela primeira vez, um dos jornais analisados traz um destaque exclusivo à presença de mulheres trans e travestis durante o evento.

Com o título: “Travestis fazem muito movimento nos três dias de carnaval”, publicado em formato de box na página 3, o jornal fala sobre a atenção voltada a essas figuras, mas com um texto carregado de estigmas sociais. Vale destacar que na época, as travestis eram tratadas sob a generalização do termo “gays”, e descritas como “homens transviados”.

O jornal relata que, durante os desfiles, elas eram alvo de gritos como “olha a Aids”. Em um dos pontos, o impresso fala sobre uma figura identificada como Michelle, cujo nome morto era Sérgio. Michelle havia recentemente realizado uma cirurgia para colocação de seios de silicone e, segundo o relato do jornal, mesmo diante de piadas e zombarias, afirmava. “Sou mulher”.

3.3.3 Seguindo as análises

Ao longo das análises dos outros dois jornais, uma questão que sempre esteve no centro dos debates sobre a Aids em Teresina foi a doação de sangue, e é esta mesma temática que faz a doença voltar a ser discutida nas páginas do Jornal da Manhã. A edição Nº 2085, publicada no dia 23 de junho de 1987, traz em destaque “Teresinense já pode fazer teste anti-Aids”. Como destacado anteriormente nesta análise, os testes foram suspensos após a equipe do Hemocentro detectar dois casos positivos para Aids. Ao todo, a cidade recebeu 1920 testes, que detectavam a presença do vírus da doença nos pacientes.

No dia 8 de julho de 1987 a edição Nº 2098 traz em sua capa “Detectado mais dois casos de Aids aqui”. A informação foi confirmada pelo médico José Fontes, do laboratório do Hemocentro, e acontece menos de um mês após a chegada dos novos testes à capital. O profissional destacou que, apesar do amedrontamento, nenhum dos casos envolvia doadores de sangue. Um ponto importante da matéria está na forma e na ordem da divulgação dos diagnósticos. O jornal informou que os dados foram repassados à imprensa antes mesmo que os pacientes tivessem sido notificados oficialmente. Segundo a reportagem, os indivíduos soropositivos seriam “chamados pela diretoria do Hospital Getúlio Vargas para serem orientados de como proceder no tratamento da doença”.

Um mês depois, no dia 25 de agosto de 1987, edição de Nº 2138 Jornal da Manhã anuncia “Notificados 5 casos de Aids no Piauí”. A informação foi confirmada pela Secretaria Estadual de Saúde, através do Departamento de Assuntos Especiais de Saúde. O médico Sílvio Mendes, então diretor do departamento, informou que os casos foram detectados através da utilização dos ‘kits’ em doadores de sangue. Apesar disso, nenhum dos pacientes

havia sido encaminhado para o Hospital de Doenças Infecto-Contagiosas (HDIC), a única unidade de saúde da cidade equipada naquele momento, para receber e acompanhar pessoas vivendo com HIV/Aids.

A última vez que a Aids em Teresina foi pautada no Jornal da Manhã, no ano de 1987, foi na edição N° 2149, publicada no dia 6 de setembro. “Preservativo não impede a transmissão da Aids”, diz o enunciado. (figura 13)



Figura 13: Preservativo não impede a transmissão da Aids

Fonte: Reprodução Jornal da Manhã, 6 de setembro de 1987, página 1

O trecho em questão foi tirado de uma entrevista do médico Márcio Barreto, um dos pioneiros no debate e combate à Aids no Brasil. A palestra foi proferida na Academia Piauiense de Letras, e teve como tema “Aids: a doença do medo”, mesmo novo do livro escrito por ele, abordando o medo da população em ser contaminado pela doença mais temida do século.

Márcio Barreto se posicionou de forma crítica contra o sensacionalismo midiático que alimentava os mitos e estigmas em torno da pandemia, muitos deles sem qualquer embasamento científico. Entre os exemplos citados pelo médico estavam as supostas formas de transmissão como o beijo e a picada da muriçoca. Outro ponto relevante da palestra diz respeito a sua crítica à negligência do governo, que havia investido pouco em pesquisas para a cura da Aids no Brasil, o que revelava uma postura de descaso por parte do Estado em relação a uma doença que já se mostrava um desafio global de grandes proporções. Por fim, a palestra também trouxe dados atualizados sobre a incidência da doença no Brasil, até a data haviam sido registrados aproximadamente 1.900 casos de Aids em território nacional, sendo 1.100 deles concentrados no estado de São Paulo e 350 no Rio de Janeiro, os demais casos estavam espalhados por outras regiões do país.

4 AMPLIANDO A ANÁLISE COMPARANDO AS COBERTURAS

Após a análise individual das coberturas dos jornais analisados nesta pesquisa, decidimos ampliar a análise. Para tanto, estabelecemos comparações entre alguns elementos, sobre os quais falaremos na sequência. Para esta análise comparativa, as matérias foram analisadas em cinco grandes blocos, sendo eles: fontes, temas relacionados, ilustrações, enquadramentos e referências aos gays. Abaixo, falaremos sobre cada um desses pontos e no apêndice 1, apresentamos as tabelas que apresentam as sistematizações dessas informações.

4.1 - Fontes

O primeiro ponto analisado nos três jornais desta pesquisa, O Dia, O Estado e Jornal da Manhã, foram as fontes, afinal, “não se faz jornalismo sem fontes de informação” Rogério Christofoletti (2008). Nessa pesquisa, as fontes foram sistematizadas em 4 tópicos: Profissionais de saúde, Fontes oficiais, Religiosos, e Redação.

Das 28 matérias analisadas, 23 tem como base as fontes oficiais da época, aqui incluídos órgãos públicos como a secretaria de saúde e hospitais da cidade, e também pessoas de relevância na área como diretores de unidades de saúde e médicos. Ao todo 17 estão no Jornal O Dia, duas no jornal O Estado e as quatro restantes no Jornal da Manhã.

Das 28 matérias analisadas, apenas três delas tem como fontes os profissionais da saúde, uma no Jornal da Manhã e duas no Jornal O Dia. É importante destacar que cada uma delas tem sua particularidade, uma das fontes foi responsável por vazar a informação da chegada da Aids na capital, a outra foi uma equipe de farmacêuticos responsável por uma farmácia no centro da capital e a última, um médico do Rio de Janeiro - um dos nomes mais importantes no combate da pandemia de HIV/Aids na época - que palestrou na cidade sobre a doença.

Os religiosos da capital do Piauí também marcaram presença em duas das 28 matérias desta pesquisa. Em ambas, foram usadas como fontes a alta cúpula da igreja católica na cidade. Uma das matérias fala sobre o apoio à campanha contra a Aids em âmbito municipal e estadual, já a outra para reclamar de como as festividades de carnaval, período em que a doença chegou na cidade, instigavam ao pecado.

A última categoria, redação, foi usada para classificar materiais que não tem fontes, apenas foram feitas pelos veículos como espécies de editoriais. Curiosamente, as duas foram encontradas no Jornal O Estado e Jornal da Manhã, que ofertaram a menor cobertura da chegada da doença em Teresina.

4.2 - Temas

O segundo tema a ser analisado são os temas relacionados, nesta categoria falamos sobre assuntos tratados nas matérias colhidas. Para sistematizar, elas foram divididas em nove: Diagnóstico, Campanha contra Aids, Religião, Comércio, Morte, Doação de sangue, Educação, Desaparecimento e Carnaval.

Das 28 matérias, 10 tem como tema central o diagnóstico da doença, entre elas a nova notificação de casos e as matérias voltadas para a prevenção. As matérias estão localizadas nos três veículos, sendo quatro no Jornal O Dia, duas no Jornal O Estado, e outras quatro no Jornal da Manhã.

Um dos maiores volumes de matérias tem como tema a campanha contra a Aids. Ao todo, quatro foram feitas pelo Jornal O Dia e uma pelo Jornal O Estado. Seguindo por grandes volumes, temos seis matérias que tiveram como foco a doação de sangue em meio ao caos do medo da transmissão da Aids. Elas vão desde a chegada até a suspensão dos testes anti-HIV na capital. Cinco estão no Jornal O Dia e uma no Jornal da Manhã, apenas o Jornal O Estado não fez cobertura sobre o tema.

Outro número pequeno, mas expressivo, foram as matérias voltadas para a religião. Das 28 analisadas, apenas duas abordaram essa temática, sendo uma no Jornal O Dia e outra no Jornal da Manhã. Em seguida temos uma matéria sobre o comércio, registrada apenas em um dos 3 veículos desta pesquisa, o Jornal O Dia.

Continuando com a análise de temas pequenos, apenas uma matéria falou sobre educação sexual durante todo o ano de 1987, sendo essa feita pelo Jornal O Dia. O sumiço de pacientes soropositivos também não teve muito destaque nos veículos, apenas o Jornal O Dia reportou o desaparecimento de uma das pessoas diagnosticadas com a doença.

A Aids foi diagnosticada em Teresina a menos de um mês do carnaval, mas apesar disso, apenas um dos veículos tratou das duas pautas de forma exclusiva. Das seis matérias do Jornal da Manhã, duas foram apenas sobre as festividades. O último tema analisado foi a morte de pacientes com Aids no ano de 1987, apenas o Jornal O Dia falou sobre o tema, totalizando somente duas matérias entre as 28 colhidas.

4.3 Ilustrações

O terceiro tema analisado foram as ilustrações, como por exemplo fotos, desenhos e charges. Pela falta de material visual, as matérias foram sistematizadas apenas com sim ou

não. Das 28 (vinte e oito) matérias, apenas 9 (nove) fizeram o uso de ilustrações, e as outras 19 (dezenove) não. O Jornal O Dia utilizou foto em cinco matérias, o Jornal O Estado em uma e o Jornal da Manhã em três. Por outro lado, o O Dia não usou em 14 matérias, O Estado em duas e o Jornal da Manhã em três.

4.4 Enquadramentos

O quarto tema analisado foi o enquadramento das matérias, para isso elas foram sistematizadas em: Box na capa, Manchete, Manchete Secundária e Texto na capa. A divisão busca mostrar como cada veículo tratou a relevância das matérias sobre a doença.

A maior quantidade de matérias está enquadrada como texto na capa, sem algum destaque específico, apenas pequenos trechos. Ao todo são 17 matérias, sendo que a maioria do material está no Jornal O Dia, seguido do Jornal da Manhã e O Estado. Em sequência temos os box na capa, isso significa que as matérias vinham como destaque de cor nas capas, apenas 4 das 28 matérias analisadas entram nessa categoria, sendo 3 no jornal O Dia e apenas 1 no Jornal O Estado.

As duas últimas categorias são sem dúvidas as mais importantes, e mostram o destaque principal das matérias sobre a doença ao longo do ano de 1987. Começando pelas manchetes secundárias temos duas matérias desse tipo, ambas no Jornal O Dia, uma sobre a Campanha sobre a Aids e outra acerca da educação nas escolas sobre as formas de transmissão da doença.

Por último temos as manchetes, o ponto alto de qualquer veículo de comunicação. Apesar da importância da doença, ao longo do ano de 1987 a Aids foi destaque apenas 5 vezes, sendo 3 vezes no Jornal O Dia e 2 duas no Jornal da Manhã. Sendo assim, apenas o Jornal O Estado não trouxe a doença como destaque.

4.5 Referências aos Gays

A última categoria foi feita para termos como base as matérias que fizeram referências aos gays (determinados como grupo de risco na época) o material foi sistematizado em sim ou não. Ao todo foram 15 matérias com referências e 13 sem. O Dia foi o veículo com mais referências, sendo 11 matérias, seguido de duas do Jornal da Manhã e uma do Jornal O Estado. Nas não citações temos O Dia com 8 matérias, 3 do Jornal da Manhã e 2 do Jornal O Estado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever esse trabalho começou sendo um sonho, novato na área da pesquisa, eu mal esperava no monstro que ele se tornaria. Foram dias e mais dias de visitas ao acervo público do Piauí, a grande maioria sem nenhuma descoberta sobre a Aids, o medo por outro lado era meu achado diário.

As primeiras menções surgiram, uma nova etapa começou, agora analisando cada texto, escritos datados de quase 40 anos, que pelo fator tempo poderiam me relevar memoráveis coisas. Confesso que achei que seria fácil, mas eu estava enganado. Era quase impossível não me ver nas diversas citações aos gays naqueles jornais. Ao longo dos últimos 9 meses desistir sempre esteve entre minhas opções, não por preguiça ou qualquer coisa do tipo, apenas por tristeza.

Essa pesquisa examinou mais de 20 matérias relacionadas a pandemia de HIV/Aids, com foco em analisar as marcações discursivas que contribuíram para o fortalecimento de estigmas sociais. Como membro da comunidade gay e jornalista, foi difícil entender que essas demarcações estavam lá, não só nas páginas antigas e cheias de poeira, mas como parte da história. De algo que passou, e que de alguma forma deixou marcas que são reverberadas até hoje na nossa sociedade.

Ver a forma como a imprensa reproduziu tantas falas, pontos de vista, aspas e demais preconceitos, me fez pensar em como atualmente, com as novidades de um mundo cada vez mais globalizado, nós como formadores de opinião, devemos ter cautela na hora de falar e escrever. Não como forma de autocensura, isso jamais, apenas para entender que, do outro lado da notícia existe sempre alguém, um irmão, um tio, um pai, e tantas outras pessoas que não devem ter suas vidas marcadas para sempre.

Por fim, concluímos nesta pesquisa que a mídia de Teresina contribui para formação de estigmas, além disso, formou estereótipos da Aids como uma doença gay, diante de tantas menções diretas a comunidade e a enfermidade no ano de 1987. Apesar disso, levamos em conta a falta de vasta quantidade de informações e estudos sobre a doença durante o ano em questão, mas ponderamos a importância de, ao tratar de vidas, produzir um jornalismo com responsabilidade, excelência e verdade.

Para muitos, ser soropositivo pode ser fator determinante de uma vida infeliz. Eu vejo como um ato de coragem, afinal, há de se ter muita coragem para deixar os erros no passado, lidar com as frustrações do outro, e enfrentar a vida como ela é, viva.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Nova Terra, 2002.
- BARROS, José D'Assunção. **Considerações sobre a análise de jornais como fontes históricas, na sua perspectiva sincrônica e diacrônica**. Porto Alegre: História Unisinos, v. 26, n. 3, p. 588-604.
- CENTRO DE CONTROLE E PREVENÇÃO DE DOENÇAS. **HIV/AIDS timeline**. Disponível em: <https://npin.cdc.gov/pages/cdcs-hivaids-timeline>. Acesso em: 7 abr. 2024.
- FAUSTO NETO, Antônio. **Comunicação e mídia impressa: estudo sobre a aids**. São Paulo: Hacker, 1999.
- FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **O vírus da Aids, 20 anos depois**. Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://www.ioc.fiocruz.br/aids20anos/linhadotempo.html>. Acesso em: 7 abr. 2024.
- GARCIA, S.; KOYAMA, M. **Estigma, discriminação e HIV/Aids no contexto brasileiro, 1998 e 2005**. Revista de Saúde Pública, São Paulo, v. 42, supl. 1, p. 72-83, 2008.
- GERALDO NETTO, João Geraldo. **Entrevista sobre pandemia de HIV Aids dada a Pedro Arimateya**, 2024.
- GOFFMAN, E. **Frame Analysis: an essay on the organization of experience**. New York: Harper, 1974.
- GUERRA, Josenildo Luiz. **Uma discussão sobre o conceito de valor-notícia**. In: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo; FERNANDES, Mario Luiz (orgs). **Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: Insular, 2014.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla (org). **Fontes Históricas**. São Paulo, Contexto, 2006.
- MARQUES, Maria Cristina da Costa. **A história de uma epidemia moderna: a emergência política da AIDS/HIV no Brasil**. São Carlos: Rima, 2002.
- MOTT, Luiz. **História cronológica da homofobia no Brasil: das capitâncias hereditárias ao fim da Inquisição (1532-1821)**. In: QUINALHA, Renan; MAIOR, Paulo Souto (orgs). **Novas fronteiras das histórias LGBTI+ no Brasil**. São Paulo: Elefante, 2023.
- PAIVA, V. S. F.; FERRARA, A. P.; SANTOS, M. O. P.; PARKER, R. **Enfrentamento religioso e política: as lições da resposta à Aids**. Temas em Psicologia, v. 21, n. 3, p. 883-902, 2013.
- PORTE, M. P. **Enquadramentos da mídia e política**. In: RUBIM, A.A. (Org.). **Comunicação e Política: conceitos e abordagens**. Salvador: EdUFBA, 2004. p. 73-104.

PRUDENCE. **HIV e AIDS são a mesma coisa?**. Disponível em: <https://useprudence.com.br/paposerio/hiv-e-aids-sao-a-mesma-coisa/>. Acesso em: 7 abr. 2024.

TRAQUINA, Nelson. **Porque as notícias são como são**. Porto Alegre: Insular Livros, 2020.

TREVISSAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

VALLE, Carlos Guilherme de. **Identidades, doenças e organização social**: um estudo das pessoas vivendo com HIV/Aids. Porto Alegre: Revista Horizontes Antropológicos, v. 8, n. 17, p. 179-210.

VECCHIATTI, Paulo. **Mobilização judicial pelos direitos da diversidade sexual e de gênero no Brasil**. IN: Green JN, Quinalha R, Caetano M, Fernandes M. História do movimento LGBT no Brasil. São Paulo: Alameda; 2018.

VIEIRA, Marco Antonio. **Southern Africa's response(s) to international HIV/AIDS norms**: the politics of assimilation. Brasília: FUNAG, 2013.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

ZICMAN, Renée Barata. **História através da imprensa**: algumas considerações metodológicas. Projeto História, São Paulo, v. 4, p. 89-102, jul. 1985. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/download/12410/8995>. Acesso em: 03 jun. 2025.

APÊNDICES - TABELAS COM OS DADOS SISTEMATIZADOS

APÊNDICE 1 - TABELA COM DADOS REFERENTES AO JORNAL O DIA

TÍTULO DA NOTÍCIA	DATA DE PUBLICAÇÃO	TEMAS RELACIONADOS	FONTE S	ILUSTRAÇÕES	ENQUADRAMENTOS	REFERÊNCIAS AOS GAYS
Três casos de Aids no Piauí	10 de fevereiro de 1987	Diagnóstico	Profissionais da saúde e fontes oficiais	Não	Box na capa	Sim
Piauí tem três casos de Aids	13 de fevereiro de 1987	Diagnóstico	Fontes oficiais	Sim	Manchete	Sim
Campanha contra Aids começa só com cartaz	17 de fevereiro de 1987	Campanha contra Aids	Fontes oficiais	Não	Texto na capa	Sim
Saúde prepara campanha da Aids	21 de fevereiro de 1987	Campanha contra Aids	Fontes oficiais	Não	Box na capa	Sim
Campanha da Aids começa terça-feira	22/23 de fevereiro de 1987	Campanha contra Aids	Fontes oficiais	Não	Manchete secundária	Não
Começa campanha contra Aids	24 de fevereiro de 1987	Campanha contra Aids	Fontes oficiais	Não	Texto na capa	Sim

Arcebispo é a favor da campanha da Aids	25 de fevereiro de 1987	Religião	Religiosos	Sim	Texto na capa	Não
Medo da Aids aumenta venda de preservativos	06 de março de 1987	Comércio	Profissionais da saúde	Sim	Texto na capa	Sim
Aids mata no Piauí	12 de março de 1987	Morte	Fontes oficiais	Não	Texto na capa	Sim
Todo sangue para doação vai passar por um exame	13 de maio de 1987	Doação de sangue	Fontes oficiais	Não	Texto na capa	Não
Hemocentro suspende os exames anti-Aids	09 de junho de 1987	Doação de sangue	Fontes oficiais	Não	Texto na capa	Sim
Teste para detectar Aids chega a Teresina amanhã	21/22 de junho de 1987	Doação de sangue	Fontes oficiais	Não	Texto na capa	Não
Sangue para doação agora passa por teste anti-Aids	23 de junho de 1987	Doação de sangue	Fontes oficiais	Não	Texto na capa	Não
Doadores de sangue não sofrem de Aids	24 de junho de 1987	Doação de sangue	Fontes oficiais	Sim	Box na capa	Não

Escola ensinará como combater Aids	16 de julho de 1987	Educação	Fontes oficiais	Não	Manchete secundária	Não
Hemopi tem dois casos de suspeita de Aids	01 de agosto de 1987	Diagnóstico	Fontes oficiais	Não	Texto na capa	Não
Some piauiense com Aids	12 de agosto de 1987	Sumiço	Fontes oficiais	Não	Texto na capa	Sim
Mais dois casos de Aids no Piauí	25 de agosto de 1987	Diagnóstico	Fontes oficiais	Sim	Manchete	Sim
Morrem mais duas pessoas com Aids	16 de dezembro de 1987	Morte	Fontes oficiais	Não	Manchete	Sim

APÊNDICE 2 - TABELA COM DADOS REFERENTES AO JORNAL O ESTADO

TÍTULO DA NOTÍCIA	DATA DE PUBLICAÇÃO	TEMAS RELACIONADOS	FONTE S	ILUSTRAÇÕES	ENQUADRAMENTOS	REFERÊNCIAS ÀS GAYS
O terror da Aids chega a Teresina	15/16 de fevereiro de 1987	Diagnóstico	Redação	Sim	Box na capa	Sim
Campanha contra Aids começa hoje	24 de fevereiro de 1987	Campanha contra Aids	Fontes oficiais	Não	Texto na capa	Não
Detectado 5 casos de Aids em Teresina	25 de agosto de 1987	Diagnóstico	Fontes oficiais	Não	Texto na capa	Não

APÊNDICE 3 - TABELA COM DADOS REFERENTES AO JORNAL DA MANHÃ

TÍTULO DA NOTÍCIA	DATA DE PUBLICAÇÃO	TEMAS RELACIONADOS	FONTE S	ILUSTRAÇÕES	ENQUADRAMENTOS	REFERÊNCIAS ÀS GAYS
Carnaval começa sob o signo da temível Aids	01 de março de 1987	Carnaval, Diagnóstico / Religião	Fontes oficiais e religiosos	Sim	Texto na capa	Sim
Travestis fazem muito movimento nos três dias de Carnaval	5 de março de 1987	Carnaval	Redação	Não	Texto na capa	Sim
Teresinense já pode fazer teste anti-Aids	23 de junho de 1987	Doação de sangue	Fontes oficiais	Sim	Texto na capa	Não
Detectados mais dois casos de Aids aqui	08 de julho de 1987	Diagnóstico	Fontes oficiais	Não	Texto na capa	Sim
Notificados 5 casos de	25 de agosto de 1987	Diagnóstico	Fontes oficiais	Não	Manchete	Não

Aids no Piauí						
Preservativo não impede transmissão da Aids	06 de setembro de 1987	Palestra	Profissionais de saúde	Sim	Manchete	Não